

Perfil e trajetória de pesquisadoras da educação na pós-graduação brasileira – um olhar a partir da revisão de literatura

Perfil Y Trayectoria De Los Investigadores De La Educación En El Puesto - Graduación Brasileña - Una Mirada De La Revisión De La Literatura

Joseane Monteiro Maurício
Stela Maria Meneghel
Universidade Regional de Blumenau (Furb)
Santa Catarina-Brasil

Resumo

O artigo apresenta uma análise sobre o perfil e a trajetória de pesquisadoras da área da Educação a partir de revisão da literatura sobre o período de 2000-2020, feita em plataformas virtuais (BDTD, Capes e Scielo), em três distintas buscas. Os poucos achados sugerem que a temática sobre gênero e Educação Superior é pouco debatida e apontam uma lacuna de conhecimento no que se refere a pesquisadoras da área da Educação com bolsa produtividade em pesquisa atuantes a partir do CNPq. Mostram ainda, aspectos socioculturais que promovem a invisibilidade feminina, a despeito do grande número de profissionais mulheres atuantes na Educação. Os achados evidenciam a instalação de políticas públicas e institucionais visando a reversão da disparidade de gênero no âmbito acadêmico.

Palavras-chave: Educação Superior; Perfil; Trajetória docente.

Resumen

El artículo presenta un análisis del perfil y trayectoria de los investigadores en el área de Educación a partir de una revisión de la literatura sobre el periodo 2000-2020, realizada en plataformas virtuales (BDTD, Capes y Scielo), en tres búsquedas diferentes. Los pocos hallazgos sugieren que el tema sobre género y Educación Superior es poco debatido y apuntan a una brecha de conocimiento respecto a los investigadores en el área de Educación con beca de productividad en investigación que trabajan desde el CNPq. También muestran aspectos socioculturales que promueven la invisibilidad femenina, a pesar del gran número de mujeres profesionales que trabajan en educación. Así, evidencian la instalación de políticas públicas e institucionales orientadas a revertir la disparidad de género en el ámbito académico.

Palabras clave: Educación Superior; Perfil; Trayectoria docente.

1. Introdução

A década de 1990 viu desabrochar a produção acadêmica relacionada à trajetória de Mulheres que contribuíram para a ciência ao longo da história. No caso do Brasil, não foi diferente; os estudos produzidos tomaram por referência pesquisadoras das chamadas “ciências duras” (as ciências exatas, tecnológicas e naturais) e auxiliaram a desvendar quem foram e qual contribuição das mulheres cientistas para o avanço da ciência no país. (GROSSI *et al*, 2016; MELO; RODRIGUES, 2018). No entanto, ainda são insipientes estudos sobre mulheres cientistas nas humanidades, em particular na área da Educação, ainda que, estas também sejam reconhecidas por seus pares como parte da comunidade científica.

Cabe destacar que, no conjunto dos cursos de graduação brasileiros, as mulheres são maioria numérica desde a década de 1970 Beltrão; Alves, (2009) e que, nos anos seguintes, elas ocuparam este espaço também na pós-graduação (CAPES, 2019). No entanto, são minoria na ocupação de cargos de chefia e gestão em instituições de pesquisa e ensino universitário (ALMEIDA, 2018). Esta ausência de equidade de gênero chamou atenção ao objetivo de identificar como a produção acadêmica tem abordado os traços do perfil e a trajetória das cientistas brasileiras da área Educação – o qual, há décadas, é reconhecido como uma área ‘feminina’ (OCDE, 2008; CAPES, 2017).

Schienbinger (2001) alerta que a ciência, desde o Iluminismo, tentou ser “neutra” com relação à política e às ideologias, mas fracassou no que refere a questões de raça e gênero, de modo que suas instituições reproduziram desigualdades ao longo dos séculos. Neste contexto, a invisibilidade das mulheres na história da ciência, em diversos campos do conhecimento, é uma das categorias mais evidentes quando nos dedicamos a analisar o percurso daquelas que se arriscaram a ser cientistas. São muitos os relatos de como mulheres pesquisadoras tiveram não apenas seu acesso e desenvolvimento profissional dificultados nos espaços próprios da ciência – como laboratórios e bibliotecas - mas também, seus méritos e feitos ocultados (LOPES *et al*, 2004).

Diante do exposto, o objetivo geral identificar as características do perfil e da trajetória de cientistas brasileiras da área da Educação e como objetivo específico deste levantamento, estão os achados que particularizaram as características de perfil e trajetórias de pesquisadoras, enquanto bolsistas produtividade do Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq).

O estudo se justifica pela possibilidade de avançar na compreensão de quem são e em quais condições tem se constituído o percurso destas profissionais que, nos diversos ramos da ciência, sofrem disparidades de gênero (LOPES *et al*, 2004; ALMEIDA, 2018). Além disso, permite contribuir para um campo de pesquisa ainda recente no país: o perfil de mulheres cientistas nas Humanidades.

Portanto, o texto está estruturado em três partes, além desta introdução. Iniciamos com a descrição detalhada dos procedimentos metodológicos, enquanto revisão da literatura Bento (2012) nas suas diversas etapas; em seguida, apresentamos e analisamos os dados gerados. Por fim, fazemos algumas considerações possíveis implicações dos achados de pesquisa.

2. Metodologia

A necessidade e importância de estudos de revisão bibliográfica decorre do fato de que estes: “permitem a compreensão do movimento da área, sua configuração, propensões teóricas metodológicas, análise crítica indicando tendências, recorrências e lacunas” (VOSGERAU; ROMANOWSKI, 2014, p. 169). Dentre os diferentes tipos de revisão, podemos distinguir as que apresentam análises e discussões para além do levantamento bibliográfico; estas são caracterizadas como revisão de literatura de literatura (BENTO, 2012). Visando atender ao nosso objetivo de pesquisa, portanto, procedemos a esta modalidade.

Importante destacar que, a princípio, o foco estava na identificação de características do perfil e da trajetória de “pesquisadoras de excelência”. Cabe, aqui, um esclarecimento sobre os possíveis significados do termo “excelência acadêmica”: embora ele seja utilizado com alguma frequência no campo científico, não há exatamente um consenso sobre como objetivá-lo, pois a “excelência” pode ser representada de diversas formas. Apenas como exemplos: o nível mais alto de pesquisa de órgãos de fomento, como o CNPq no caso, a categoria 1, níveis de A a D; o topo da carreira em uma instituição universitária (o professor titular), que para ser atingido por considerar diferentes critérios; a capacidade de obter fundos/recursos de agências internacionais; dentre outras. Assim, tendo por foco a “excelência” no campo da educação, demos início a revisão da literatura.

Nesse sentido, iniciamos o levantamento utilizando como descritor o termo “sênior”ⁱ para expressar a característica da excelência acadêmica. No entanto, diante da insipiência de resultados, mesmo após diversas tentativas com termos sinônimos (como “excelência”,

“sucesso”, “bolsistas CNPq” entre outros) e com a ampliação do recorte temporal que inicialmente fora previsto para 10 anos (2010 – 2020) atentado as pesquisas mais recentes, alteramos a proposta da pesquisa em relação à temporalidade, aumentando o escopo investigativo para 20 anos (2000-2020). Procedendo assim, um segundo levantamento, utilizando somente termos para identificar “pesquisadoras em educação” – sem nenhuma outra delimitação ou alusão à questão da excelência acadêmica.

As buscas foram realizadas nas seguintes plataformas virtuais: Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD), Plataforma Capes e Scientific Electronic Library Online (SciELO). Vale destacar que, na BDTD, utilizamos como filtros a área de produção dos estudos (“Educação” e “Ciências Humanas”) e o assunto (“educação superior” e “análise de trabalhos submetidos em Pós-graduações na área da Educação”). Na Plataforma Capes foram filtrosⁱⁱ: área de conhecimento (“avaliação” e “ciências humanas”), além de área de concentração e programa de pós-graduação – ambos com (“Educação”). Na terceira plataforma, a Scielo, manejamos os seguintes filtros: idioma (português); áreas temáticas citáveis e não citáveis (“Educação” e “Ciências Humanas”); tipo de literatura (artigos). O filtro de “coleções e periódicos” não foi discriminado.

Ao final, foram realizados três levantamentos, com características específicas, conforme descrevemos a seguir. Os resultados obtidos foram submetidos a três etapas de leitura, conforme proposto por Bento (2012): 1. Análise de títulos e resumos: permite identificar e descartar textos não relacionados com o tema sequer de forma tangencial; 2. leitura total dos textos (dissertações, teses ou artigos): possibilita selecionar as pesquisas a serem, efetivamente, analisadas; 3. estudo e caracterização dos textos.

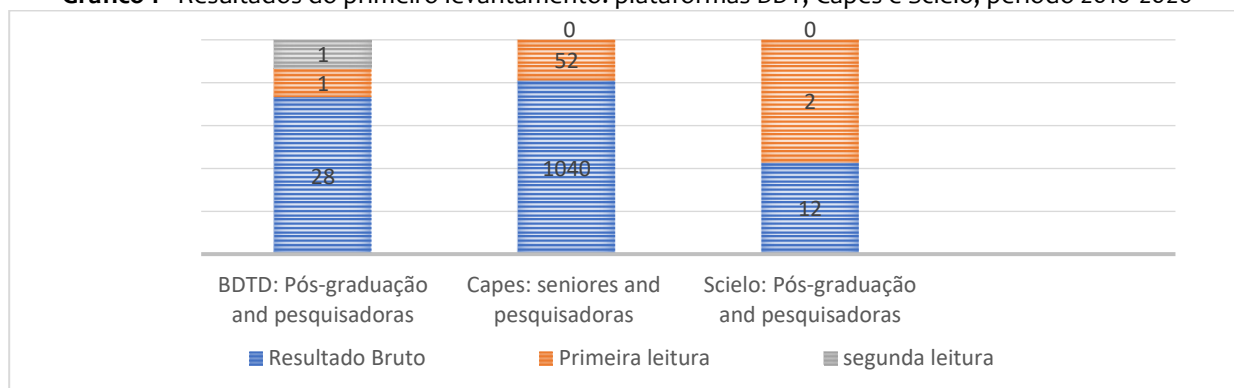
3. Primeiro levantamento – recorte temporal 2010-2020

Foi realizado em 27 de janeiro de 2021, tomando o período 2010-2020 e tendo por descritores: “pós-graduação”; “pesquisadoras”; “educação”; “perfil”; “seniores”. A princípio usamos as cinco palavras juntas, mas, na ausência de resultados, passamos a fazer combinações entre elas, em um total de quatro: “seniores *and* pesquisadoras”; “pós-graduação *and* pesquisadoras”; “educação *and* perfil *and* seniores”; “pós-graduação *and* pesquisadoras *and* educação *and* perfil *and* seniores”.

Ainda que este levantamento inicial tenha gerado muitos resultados, a primeira etapa de leitura revelou que eles não apresentavam consonância com o tema de pesquisa. O gráfico

1 representa os dados brutos e a combinação de descritores geradora de maior quantitativo de achados após as três etapas de análise.

Gráfico 1 - Resultados do primeiro levantamento: plataformas BDT, Capes e Scielo, período 2010-2020



Fonte: as autoras (2021)

Na BDTD a combinação de descritores “pós-graduação *and* pesquisadoras” resultou 28 achados. Após a primeira e segunda leituras, porém, apenas um estudo mostrou-se próximo ao nosso tema da pesquisa. Nesta plataforma os descritores “educação” e “pesquisadoras”, na maioria das vezes, estavam descritos no escopo do trabalho com referência à apresentação da pesquisa, não ao tema pesquisado, tendo sido incorporado ao *corpus* de pesquisa inicial de modo equivocado. Os temas abordados e descartados se referiam, em geral, à: assistência estudantil em universidades brasileiras; formação do professor pesquisador e produtos científicos; preocupação com a formação pedagógica na Educação Superior. A precarização do trabalho neste nível de formação também foi tema de algumas pesquisas.

Na Plataforma Capes foram identificados 1040 trabalhos; dentre as combinações de descritores, ‘seniores *and* pesquisadoras’ apresentou o maior número de resultados. Mas, novamente, após a primeira etapa de leitura, identificamos apenas 52 achados (5% do total) compatíveis com nosso foco de interesse. Os temas mais frequentes no descarte foram: construção da identidade de mulheres em contextos educativos; relações étnico-raciais na educação superior; representação de professoras na Educação Básica, a partir de práticas inclusivas; entendimento sobre características de gênero; e, ainda, questões relacionadas a gênero e a alinhamentos curriculares.

Perfil e trajetória de pesquisadoras da educação na pós-graduação brasileira – um olhar a partir da revisão de literatura

A terceira plataforma, a Scielo, apresentou resultados somente com a combinação “pós-graduação and pesquisadoras” - um total de 12 trabalhos. Destes, apenas dois se mostraram elegíveis para uma segunda leitura; no entanto, também estes foram descartados pois a temática desenvolvida, ainda que relacionada ao gênero, não se referia a mulheres da área da Educação.

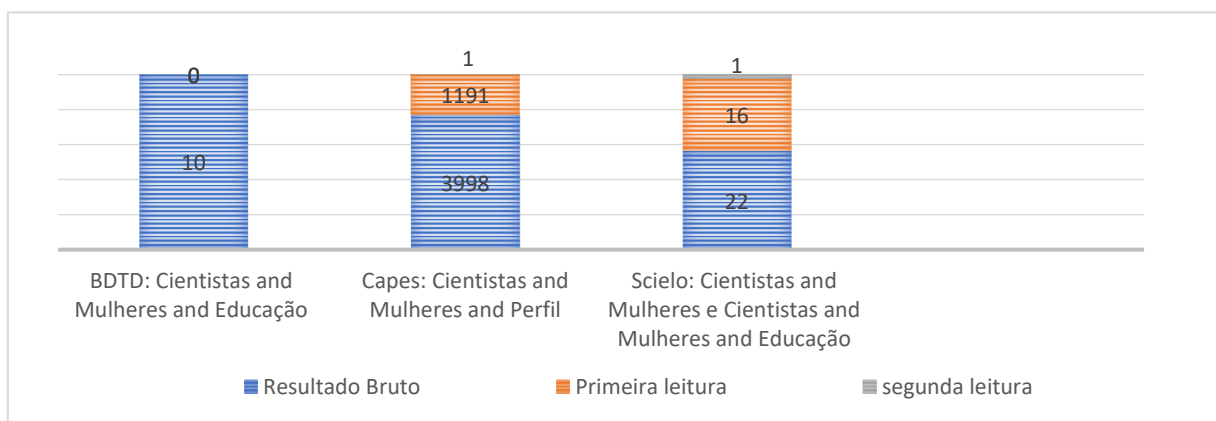
Como já indicado, os poucos resultados relacionados ao nosso foco de estudo derivaram em novo levantamento, desta vez com aumento do recorte temporal e alteração nos descritores – conforme detalhamos a seguir.

3.1 Segundo levantamento – recorte temporal 2000-2020

Foi realizado em 04 de fevereiro de 2021, considerando produções do período 2000-2020 como forma de possibilitar outras respostas convenientes ao tema estudado, mesmo que em trabalhos menos atuais.

Foram mantidas as mesmas plataformas e os filtros de assunto e área temática. No entanto, utilizamos novos descritores: ‘cientistas’, ‘mulheres’, ‘educação’ e ‘perfil’, fazendo as seguintes combinações: ‘cientistas’ and ‘mulheres’; ‘cientistas’ and ‘mulheres’ and ‘educação’; ‘cientistas’ and ‘mulheres’ and ‘perfil’; e ‘cientistas’ and ‘mulheres’ and ‘educação’ and ‘perfil’. O gráfico 2 representa os resultados obtidos:

Gráfico 2 - Resultados do segundo levantamento nas plataformas BDT, Capes e Scielo no período 2000-2020



Fonte: as autoras (2021)

Encontramos na BDTD 10 trabalhos, os quais derivaram das combinações de descritores: “cientistas” and “mulheres” and “educação” e “cientistas” and “mulheres”. Os estudos desta plataforma foram descartados por contemplarem a mulher na história da

ciência a partir das ciências biológicas e exatas, sem nenhuma menção a cientistas do campo da Educação.

Na Capes o levantamento com as quatro combinações resultou em 3898 achados; no entanto, estes não tinham efetiva aproximação com nosso foco de estudo. Os descritores “cientistas” and “mulheres”, juntos, derivaram o maior número de resultados iniciais: 1191. No geral, os trabalhos encontrados e descartados tematizavam: a mulher enquanto professora no ensino básico; o desempenho de estudantes nas diversas áreas da ciência; a escolha por cursos e carreiras em áreas como as ciências biológicas e da terra; as diversas formas e níveis de ensino embricadas na atuação e formação de professoras; estudos de caso sobre didática e práticas docentes. Aqueles que mais se aproximaram do escopo da nossa pesquisa, tematizavam: (i) ciência e gênero, conferindo visibilidade a mulheres cientistas a partir de seus memoriais; (ii) análises no campo das ciências da saúde, matemáticas e biológicas, considerando a narrativa das pesquisadoras sobre suas trajetórias e as relações de poder imbricadas nesse percurso. Apenas um trabalho tinha dados sobre cientistas da área da Educação.

O levantamento na Scielo resultou 22 artigos, com os descritores “cientistas” and “mulheres” and “educação” gerando o número maior de achados – 16. Novamente, apenas um trabalho teve por objeto mulheres cientistas na área da Educação.

Diante do baixo número de resultados pertinentes para análise, decidimos realizar um terceiro e último levantamento, desta vez ampliando para revistas no idioma espanhol, a fim de abarcar artigos acadêmicos da América Latina. Pois, além de parecer-nos possível encontrar algum estudo sobre o Brasil, entendemos que análises sobre mulheres pesquisadoras de países da região poderiam trazer contribuições ao nosso foco: perfil e trajetória de pesquisadoras do campo da Educação.

3.2 Terceiro levantamento – idioma espanhol e recorte temporal 2000-2020

Foi realizado em 07 de fevereiro de 2021, exclusivamente na Scielo, considerando o idioma espanhol e o período 2000-2020. Foram mantidas as áreas temáticas (Ciências Humanas) e a combinação de descritores do segundo levantamento, sendo efetuada apenas sua tradução para o espanhol: “investigadoras”; “mujeres”; “educación”; “perfil”.

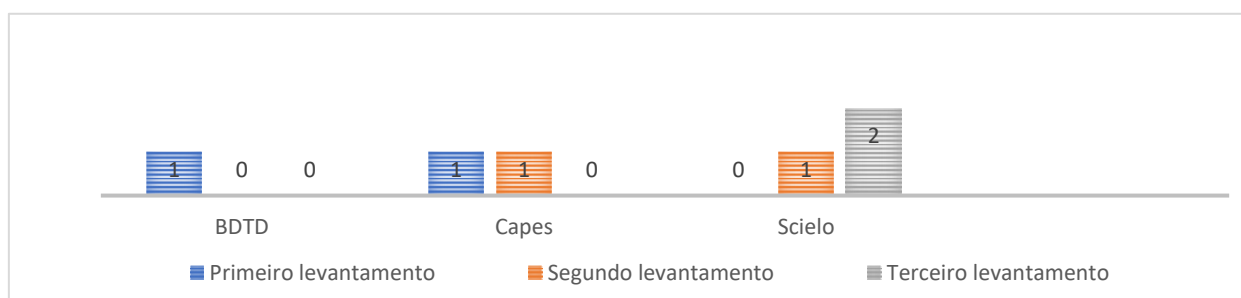
Foram obtidos 36 resultados, com destaque para a combinação: “investigadoras” and “educación” and “mujeres”. Como nos casos anteriores, após a primeira leitura restaram

somente duas pesquisas de interesse: uma sobre trajetórias acadêmicas de pesquisadoras na educação; outra sobre gênero e sucesso científico. Embora não aprofundem a temática da perspectiva do perfil, estão voltadas às trajetórias da área de Educação, razão pela qual foram selecionadas.

4. Análise dos resultados

A exaustiva sequência de levantamentos, leituras e análises de achados resultou em apenas seis estudos para aprofundamento, como mostra o gráfico 4. Os descritores com mais resultados derivaram da combinação: “mulheres” and “ciência” and “Educação”. Este fato chama a atenção, se considerarmos terem se passado 20 anos das reflexões feitas por Pimenta (1996, 1999), André, *et al* (1999) e Bueno, *et al* (2006) sobre a importância do gênero na trajetória e construção de identidade profissional no campo da Educação.

Gráfico 4 - Resultado dos três levantamentos plataformas BDTD, Capes e Scielo, período 2000-2020



Fonte: as autoras (2021)

Sobre os textos selecionados para análise, o primeiro aspecto a destacar é que nenhum deles aborda com exatidão o foco desta pesquisa: perfil e trajetória de mulheres da área da educação. Eles analisam o desenvolvimento de mulheres cientistas no contexto acadêmico, mas não exclusivamente na referida área do conhecimento. A descrição dos achados revela que, embora a busca nas plataformas tenha privilegiado a área de Educação, apenas dois estudos têm esta origem, corroborando sua distância da problemática do gênero.

Um olhar cuidadoso para o Quadro 1 permite observar que não há regularidade das instituições que os produziram, tampouco dos veículos em que foram publicados. Quanto à data de produção, estão dispersos no tempo: as dissertações são de 2010 e 2019 (duas neste último ano) e os artigos de 2005, 2007 e 2020. O fato de metade deles haver sido publicada em anos recentes, pode ser indicativa de um despertar para a temática do gênero e ciência.

Quadro 1 – Caracterização de textos selecionados – perfil e trajetória de cientistas da Educação

Autoria	Título do artigo / Dissertação	Revista / Programa Pós-Grad. e IES	Volume/ano publicação
Raúl Madrid Osório	<i>Las mujeres investigadoras en educación; sus logros y retos</i>	Revista de estudios de género	Vol. 3/2005
Ivonne Vizcarra Bordi ; Graciela Vélez Bautista	Gênero e sucesso científico na Universidade Autônoma do Estado do México.	Revista de Estudos Feministas	Vol.5/2007
Suzane Carvalho da Vitória Barros; Luciana Mourão	Trajetória profissional de mulheres cientistas à luz dos estereótipos de gênero	Psicol. Estud. [online]	vol.25/2020
Renata Muniz Prado	O talento em uma perspectiva feminina: características individuais e familiares de pesquisadoras de destaque no Brasil	UNB - Mestrado em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde	2010
Mayara de Oliveira Souza	Relações de gênero na carreira acadêmica: limites ao ingresso, avanço e consolidação da carreira científica de mulheres no Brasil	UFRJ - Mestrado em Educação	2019
Daniela Maçaneiro Alves	Mulheres nas ciências: a carreira das docentes pesquisadoras dos programas de pós-graduação stricto sensu na perspectiva de gênero - UNESC (2010 - 2015)	UNESC Mestrado em Educação	2019

Fonte: as autoras (2021)

Apenas um dos estudos selecionados, justamente o mais antigo, foi elaborado por um homem; trata-se do trabalho de Osório Madri (2005): “*Las mujeres investigadoras en educación; sus logros y retos*”, com dados do México. Em análise de indicadores nacionais sobre a representatividade feminina na Educação Superior, o autor observa crescimento na graduação (a partir da década de 1990) e na pós-graduação (desde a década de 2000). Em relação ao perfil, aponta aumento do acesso de mulheres com mais de 20 anos, moradoras de regiões urbanas e de maior nível socioeconômico. Sobre a trajetória daquelas que se tornaram pesquisadoras, é destacado o fato de que, embora sejam maioria na área da Educação e das Ciências Humanas, não ocupam os cargos mais altos da gestão universitária, elas ficam restritas aos de menor hierarquia e nível de decisão.

Perfil e trajetória de pesquisadoras da educação na pós-graduação brasileira – um olhar a partir da revisão de literatura

Para interpretar os dados, Osório Madri utiliza os conceitos de “estereótipos positivos e negativos” de Anker (1997). Por meio deles, desvenda como as mulheres vivem submetidas a uma cultura profissional e acadêmica que, subliminarmente, as convence sobre sua “inadequação” para os cargos mais altos de gestão. Para isso são tomados como argumentos que elas têm menor força física e aptidão para as ciências e a matemática, além de menor disposição para viajar, para afrontar o perigo físico e se posicionar. O estudo também avança no debate sobre a produção acadêmica de homens e mulheres; aponta que os homens têm maior número de publicações no campo educacional, mas que também os comitês editoriais têm maior representação masculina, sugerindo que talvez isso os favoreça.

O trabalho mais recente, “Trajetória profissional de mulheres cientistas à luz dos estereótipos de gênero”, de Barros e Mourão (2020), tem por foco a trajetória de docentes de programas de pós-graduação da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) que atuam em áreas que se distinguem pelo número de mulheres; entre elas, a Educação. Utilizando a metodologia da história oral e um roteiro de perguntas não estruturadas, o artigo analisa a trajetória das pesquisadoras abordando questões sobre profissionalidade - interesses pessoais, influências familiares e institucionais que aturam/atuam neste contexto. As autoras abordam as disparidades de gênero na ocupação de cargos de gestão por meio de conceitos como “teto de vidro” e “segregação vertical” enquanto mecanismos sociais que tendem a fazer com que as mulheres se mantenham em posições mais subordinadas não progredindo assim em suas escolhas profissionais, apontando limitações objetivas à ascensão profissional. Ao final, concluem que a diminuição destas desigualdades exige da comunidade científica atentar para as especificidades do contexto feminino - a maternidade, triplas jornadas de trabalho – e repensar as práticas de gestão.

Este enfoque institucional também é presente em: “Gênero e sucesso científico na Universidade Autônoma do Estado do México (UAEM)”, de Bordi e Vélez Bautista (2007), que analisam a relação entre produção acadêmica e gênero na instituição referida. As autoras analisam, ao longo da história da UAEM, indicadores de participações femininas e masculinas em diversos campos do ensino, pesquisa, divulgação e gestão; a partir deles, desvendam desigualdades de gênero presentes nas disciplinas científicas e explicam diferenciais de ganho salarial e atividade científica, bem como a construção de um paradigma dominante de êxito. O estudo afirma a importância de tornar visíveis as questões histórico-sociais que

podem estar promovendo tais distinções de desempenho e, nessa linha, questiona de que forma estratégias institucionais poderiam vir a promover igualdade de gênero na trajetória acadêmica.

Na mesma linha, a dissertação “Mulheres nas ciências: a carreira das docentes pesquisadoras dos programas de pós-graduação *stricto sensu* na perspectiva de gênero – Unesc (2010 – 2015)” de Alves (2019), aprofunda o conhecimento sobre as diferenças na construção da carreira entre homens e mulheres atuantes em distintos programas de pós-graduação *stricto sensu* da Universidade do Extremo Sul Catarinense (Unesc). A partir de entrevistas, identifica em seus percursos formativos a sobrecarga feminina ao tentar conciliar vida profissional, casamento e maternidade. A análise, com apoio em conceitos como gênero e divisão sexual do trabalho, destaca que as docentes não se atentam para as formas de poder imbricadas nas relações de gênero no âmbito institucional, tampouco, para como estas mesmas relações (re)produzem desigualdades hierárquicas entre homens e mulheres.

Enfoque semelhante é encontrado na dissertação “Relações de gênero na carreira acadêmica: limites ao ingresso, avanço e consolidação da carreira científica de mulheres no Brasil”, de Souza (2019), que analisa as relações de gênero a partir de uma revisão de literatura (único estudo com esta metodologia). A autora utiliza como palavras-chave “gênero” e “carreira” em levantamento bibliográfico na BDTD/Capes e em bibliotecas digitais de instituições; como resultado, reúne material para debater como a instituição acadêmica e políticas públicas e institucionais podem auxiliar as mulheres em sua carreira /trajetória científica. Para tanto, utiliza conceitos como “teto de vidro” e busca mostrar, de forma objetiva, os muitos limites externos impostos às trajetórias femininas.

Finalmente, a pesquisa de Prado (2010): “O talento em uma perspectiva feminina: características individuais e familiares de pesquisadoras de destaque no Brasil” identifica fatores promotores e inibidores do sucesso profissional de mulheres cientistas. Toma por sujeitas pesquisadoras de todas as áreas, pertencentes ao nível 1A do CNPq. Utilizando entrevistas semiestruturadas e questionários e tomando por fundamento o “Modelo de Realização do Talento em Mulheres”, a autora desvela características pessoais das pesquisadoras, destacando de suas trajetórias aspectos como o envolvimento efetivo com o trabalho e o conflito para conciliar carreira e vida familiar.

Perfil e trajetória de pesquisadoras da educação na pós-graduação brasileira – um olhar a partir da revisão de literatura

Do ponto de vista dos procedimentos metodológicos, as pesquisas selecionadas mostraram natureza analítico-descritiva e utilizam abordagens qualitativas _ apenas um explorou detalhadamente dados quantitativos. Dois, com uma perspectiva macro e apoiados em revisão bibliográfica e análise documental, analisaram indicadores nacionais e internacionais. Os demais, ainda que não sejam caracterizados como estudos de caso, privilegiaram aprofundar em dados de pesquisadoras de instituições específicas, gerados por meio de história oral, questionários e/ou entrevistas. Dando voz a estas mulheres, recuperaram sua trajetória e, também, o cotidiano do seu fazer científico no ambiente da universidade. Nestes casos, valeram-se de análise de conteúdo e análise do discurso.

Cabe comentar a utilização de fontes documentais das instituições analisadas e, em especial, de dados produzidos por agências governamentais e internacionais; eles mostraram-se importantes referentes para a elaboração de análises mais contextualizadas e, também, conferiram a elas maior legitimidade.

Os textos selecionados apresentaram diversidade de referencial teórico e bases de interpretação, ainda que nos quatro estudos brasileiros tenham sido observadas obras e autoras similares, particularmente no que refere à história da ciência e à temática de gênero. Foram elas: Scott (1995); Louro (1998); Schiebinger (2001) e Butler (2003), de reconhecida contribuição ao campo. Além destas, foram bastante referenciadas as obras de Harding (1994); Haraway (1995); Guedes (2008, 2015); Velho; León (2012).

Sobre os resultados do conjunto de estudos selecionados, o aspecto que mais chamou a atenção foi o fato de que todos eles – cada um à sua moda – trouxeram evidências e dados objetivos de que a universidade e a ciência são espaço de distinção nas relações de gênero. As análises permitem observar, nas diversas áreas do conhecimento, incluindo as ciências humanas e a educação, os limites impostos pelo gênero, em processos de clara segregação horizontal e vertical (OECD,2012). Estes se mostram praticamente ‘naturalizados’ no meio acadêmico, deflagrando ambientes e condições de opressão e exclusão, mais notadamente nos territórios de pouca assimilação pelo contingente feminino – como as ciências exatas.

Os estudos pouco permitem conhecer sobre as características do perfil econômico e social das pesquisadoras. Estas aparecem como “pano de fundo” de depoimentos que recuperam memórias da família de origem, elementos da formação escolar e acadêmica, a

família atual; além disso, são direcionados a análises comparativas de performance entre pares e à compreensão do engajamento no desenvolvimento profissional.

Tanto nos trabalhos brasileiros quanto mexicanos ficou explícita a falta de equidade de gênero na academia, que transparece de forma objetiva de diversas maneiras: em análises sobre trajetórias, oportunidades de desenvolvimento profissional, ascensão hierárquica. Alguns textos também sinalizam distinções de gênero no que refere ao desempenho e à produtividade, identificando como fatores inibidores: diferenças na representação de gênero nas esferas decisórias dos setores público e privado; critérios promotores da ascensão profissional – que, pretensamente “neutros”, geram a ilusão de um ambiente de oportunidades iguais quando, na realidade, camuflam a distinção.

Nos estudos também são destacados elementos de impulso à carreira das mulheres cientistas, em geral personificados no apoio de pessoas que, ao longo de sua trajetória acadêmica, mantêm um suporte objetivo e subjetivo ao desenvolvimento profissional; são eles a família de origem e os parceiros após o casamento e a maternidade.

A descrição de diversas trajetórias de desenvolvimento acadêmico e profissional das cientistas guarda muitas semelhanças. E, ainda que estes percursos não tenham sido elaborados com este foco, desvelam momentos em que as cientistas nitidamente se revelam limitadas ou “intimidadas” pela ousadia de adentrar não apenas um campo, mas espaços de poder considerados “masculinos”. Nestas situações, os aspectos comumente referenciados pelas próprias pesquisadas destacam as dificuldades de conciliar vida profissional, casamento e maternidade, além de sobrecarga na realização de tarefas domésticas.

Vale ressaltar que alguns textos exploraram aspectos da trajetória e do cotidiano pessoal que permitem avançar em outro tipo de construção social e cultural – o da geração de barreiras autoimpostas. Neste sentido, conforme apontam Anker (1997), Prado (2010), Prado; Fleith (2012), as dificuldades observadas levam à reprodução de estereótipos que, assimilados pelas mulheres, acarretam comportamentos inibidores de potenciais e competências, que as “desautorizam” e culpam, internamente, a seguir ascendendo, e levam a negligenciar o gerenciamento de suas trajetórias profissionais.

As contribuições dos textos avançam, com diferentes ênfases, para a necessidade de a comunidade acadêmica adensar a reflexão sobre o papel das políticas públicas, Institucionais e de gestão enquanto geradoras de condições que produzem estas diferenças.

Este tópico é mais claramente exposto por Souza (2019), Barros e Mourão (2020) e Bordi e Vélez Bautista (2007), que defendem a necessidade de políticas públicas e institucionais capazes de promover maior equidade da trajetória acadêmica de mulheres.

5. Conclusão

Este estudo buscou, por meio de uma revisão de literatura sobre o perfil e a trajetória de pesquisadoras da área da Educação, compreender como este expressa as relações de gênero. A identificação das características do perfil e da trajetória de cientistas da área da educação se justifica pela possibilidade de avançar na compreensão de quem são e em quais condições se constitui o percurso profissional destas pesquisadoras em um espaço que há décadas, em nosso país, é considerado feminino. A busca bibliográfica, no entanto, mostrou que o tema não vem sendo explorado por programas de pós-graduação, bem como por outros pesquisadores – dada a quase ausência de resultados de artigos acadêmicos em língua portuguesa na plataforma Scielo. Isso ficou explícito não apenas ao longo do processo de busca e seleção de estudos para aprofundamento, descrito em detalhes, mas também pela análise do referencial teórico por eles citados – há poucos novos estudos.

Estes fatos, por si, são bastante ilustrativos da invisibilidade da questão do gênero em um campo onde a assimilação de mulheres é sobejamente superior à de homens. Mas qual a razão para a academia manter-se ao largo desta realidade?

Talvez a mesma que faz com que as pesquisas existentes sejam veementes em apontar que na Educação, tanto quanto em outras áreas, as mulheres padecem de distinção nas relações de gênero. Para os autores, questões de ordem social e cultural constroem ambientes desiguais entre homens e mulheres, atuando na construção de relações diferenciadas em diversos espaços.

Assim, a possibilidade de desenvolver a carreira científica em um “lugar feminino” como a Educação, não parece suficiente para suplantar elementos de uma cultura social – e acadêmica – marcada pela falta de equidade nas relações de gênero. As evidências desta distinção foram bastante contundentes e relevantes nos estudos analisados, mostrando que a educação, como qualquer outra área, atua de modo a limitar e estimular as mulheres a permanecerem invisíveis.

Os resultados obtidos, em que pese sua pouca quantidade numérica e a “mescla” de pesquisadoras da educação com as de outras áreas, chamam à necessidade de serem

realizadas mais pesquisas que contemplem a historicidade e perfis de mulheres deste campo profissional, enquanto professoras e pesquisadoras, a fim de compreender sua especificidade. Neste sentido, uma alternativa interessante é aprofundar conhecimentos sobre aquelas que atingem a “excelência”, de forma a identificar quais estratégias e ações elas têm conseguido mobilizar para progredirem na carreira e “driblarem” aspectos histórico-sociais que limitam o desempenho e promovem distinções de gênero, rompendo o ciclo da invisibilidade de êxito profissional.

Referências

ALMEIDA, C. Mulheres são minoria entre reitores nas bolsas de pesquisa mais prestigiadas. 2018. **Jornal O Globo**. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/economia/mulheres-sao-minoria-entre-reitores-nas-bolsas-de-pesquisa-mais-prestigiadas-22336228>>. Acesso em: 07 out. 2021.

ANKER, R. “La segregación profesional entre hombres y mujeres. Repaso de las teorías”, en **Revista Internacional del Trabajo**, vol. 116, núm. 3, OIT, Ginebra, 1997.
ANUIES. *Estadísticas de educación superior*. México, 2002. Disponível em: <<http://www.anuiemx.com>>. Acesso em 10 de out.2021

ALVES, D. M. **Mulheres nas ciências: a carreira das docentes pesquisadoras dos programas de pós-graduação stricto sensu na perspectiva de gênero-UNESC (2010-2015)**. Dissertação Mestrado em Educação, UNESC, Criciúma, 228 p. 2019.

ANDRÉ, M. et al. Estado da arte da formação de professores no Brasil. **Educação & Sociedade [online]**, Rio de Janeiro v. 20, n. 68, p. 301-309, 1999. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0101-73301999000300015>>.

BARROS, S. C. V.; MOURÃO, L. Trajetória profissional de mulheres cientistas à luz dos estereótipos de gênero. **Psicologia em estudo, [S.L.]**. v. 25, e46325, p. 1-16, 28 maio 2020. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/PsicolEstud/article/view/46325>. Acesso em: 25 jul. 2020. DOI: <https://doi.org/10.4025/psicoestud.v25i0.46325>.

BELTRÃO, K. I; ALVES, J E D. A reversão do hiato de gênero na educação brasileira no século XX. **Cadernos de Pesquisa [online]**. São Paulo, v. 39, n. 136 p. 125-156, 2009.

BENTO, A. Como fazer uma revisão da literatura: Considerações teóricas e práticas. **Revista JA (Associação Acadêmica da Universidade da Madeira)**, Ano VII, n. 65. p. 42-44, 2012.

BORDI, I. V.; BAUTISTA, G. V. Gênero e sucesso científico na Universidade Autônoma do Estado do México. **Revista de Estudos Feministas**. Instituto de Estudos de Gênero da Universidade Federal de Santa Catarina, V.15, n.3, p. 581-608, 2007

Perfil e trajetória de pesquisadoras da educação na pós-graduação brasileira – um olhar a partir da revisão de literatura

BUENO, B. O. et al. Histórias de vida e autobiografias na formação de professores e profissão docente (Brasil, 1985-2003). **Educação e pesquisa**, São Paulo, v.32, n.2, p. 385-410, 2006.

BUTLER, J. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução: Renato Aguiar – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior [CAPES]. (2017). GEOCAPES. Disponível em: <<https://geoCAPES.CAPES.gov.br/geoCAPES/>>. Acesso em: 19 de out. de 2021.

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior [CAPES] (2019) Recuperado em <https://www.gov.br/capes/pt-br/assuntos/noticias/mulheres-representam-60-dos-bolsistas-da-capes> acesso em 13 de outubro de 2021

GROSSI, M. G. R. et al. As mulheres praticando ciência no Brasil. **Revista Estudos Feministas [online]**. Instituto de Estudos de Gênero da Universidade Federal de Santa Catarina, v. 24, n. 1, p. 11-30, 2016.

GUEDES, M. de C. A presença feminina nos cursos universitários e nas pós-graduações: desconstruindo a ideia da universidade como espaço masculino. **História, Ciências, Saúde - Manguinhos**, v. 15, p. 117-132, 2008.

GUEDES, M. de C.; AZEVEDO, N.; FERREIRA, L. O. A produtividade científica tem sexo? Um estudo sobre bolsistas de produtividade do CNPq. **Cadernos Pagu [online]**. [S. l.], v. 00, n. 45, p. 367-399, 2015.

HARAWAY, D. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, [S. l.], n. 5, p. 7-41, 2009. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1773>. Acesso em: 25 nov. 2022.

HARDING, S. “¿Existe um método feminista?” La Mujer y la Ciencia. (Traducción de Gloria Elena Bernal). **Cuadernos para el Debate, Madrid, Centro Feminista de Estudios y Documentación**, p. 25-44, 1994. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/356646339/1-Sandra-Harding-Metodo-feminista-pdf> Acesso em 25 de novembro de 2022.

LOPES, M. M. ; et al. A construção da invisibilidade das mulheres nas ciências: a exemplaridade de Bertha Maria Júlia Lutz (1894-1976). **Revista gênero**. Niterói, v.5, n.1, p.97-109, 2.sem.2004.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós estruturalista**. 2. ed. Petrópolis: Ed. Vozes, 1998.

MELO, H. P.de; RODRIGUES, L. Pioneiras da ciência no Brasil: uma história contada doze anos depois. **Ciência e Cultura**. São Paulo, v. 70, n. 3, p. 41-47, 2018.

OCDE. Gender and sustainable development: Maximising the economic, social and environmental role of women. OECD (Organisation for Economic Co-Operation And Development) Publishing, 2008

OECD. Education at glance 2012: OECD Indicators, 2012. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1787/eag-2012-en>> Acesso em: 4 set. 2021.

OSÓRIO MADRID, R. Mulheres pesquisadoras em educação; suas conquistas e desafios. **A janela**, Guadalajara, v. 3, n. 21, p. 143-186, 2005. Disponível em <http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1405-94362005000100143&lng=es&nrm=iso>. acessado em 21 nov. 2022.

PIMENTA, S. G. Formação de professores: saberes da docência e identidade do professor. **Revista da Faculdade de Educação**. Brasília, v. 22, n. 2, p. 72-89, 1997.

PRADO, R. M. **O talento em uma perspectiva feminina: Características individuais e familiares de pesquisadoras de destaque no Brasil**. Dissertação, Mestrado em processos de desenvolvimento humano e saúde, UNB, Brasília, 103 p., 2010.

PRADO, R. M.; DE SOUZA FLEITH, D. Pesquisadoras brasileiras: conciliando talento, ciência e família. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, [s.l.]. São Paulo, v. 64, n. 2, p. 19-34, 2012.

SCHIENBINGER, L. **O feminismo mudou a ciência?** Tradução de Raul Fiker. São Paulo: EDUSC, 2001.

SCOTT, J. W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.

SOUZA, M. de O. **Relações de gênero na carreira acadêmica: limites ao ingresso, avanço e consolidação da carreira científica de mulheres no Brasil**. Dissertação, Mestrado em Educação, UFRJ, Rio de Janeiro, 75 p., 2019.

VELHO, L.; LEÓN, E. A construção social da produção científica por mulheres. **Cadernos Pagu**. Campinas, n. 10, p. 309-344, 2012.

VOSGERAU, D. S.; ROMANOWSKI, J. P. Estudos de revisão: implicações conceituais e metodológicas. **Revista diálogo educacional**. Curitiba, v. 14, n. 41, p. 165-189, jan./abr. 2014

Notas

ⁱ O título de ‘pesquisador sênior’ é conferido pelo Conselho Deliberativo do CNPq àqueles/as que permanecem mais de 15 anos consecutivos com a bolsa de Produtividade em Pesquisa na categoria 1A do órgão. Além de ininterrupta produção científica em sua área de atuação, é

necessária significativa contribuição à formação de pesquisadores em diversos níveis. <http://memoria.cnpq.br/web/guest/pesquisador-senior> acesso em 20 de outubro de 2021.

Agradecimentos

À Capes pelo financiamento desta pesquisa parte da dissertação de mestrado defendida em 11/02/2022

Sobre as autoras

Joseane Monteiro Maurício

Mestre em Educação pela Universidade Regional de Blumenau (2022), Especialista em Letras pela Universidade Federal de Santa Catarina (2018) e graduada em psicologia pela Universidade Estácio de Sá (20216).

Orcid: 0000-0002-7242-254X E-mail: mauricio.joseane.monteiro@gmail.com

Stela Maria Meneghel

Mestrado e Doutorado em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e pós-doutorado pelo Instituto Internacional para a Educação Superior na América Latina e Caribe - IESALC/UNESCO (2008).

Orcid: 0000-0002-7615-5784 E-mail: smeneghel@furb.br

Recebido em: 24/03/2022

Aceito para publicação em: 20/09/2022